

A FIGURA DO DETETIVE NO ROMANCE POLICIAL *LA VERDAD SOBRE EL CASO SAVOLTA*, DE EDUARDO MENDOZA.

Bárbara Caldas

Quando Eduardo Mendoza publicou *La Verdad sobre el Caso Savolta* em 1975 algo mudava não só nas letras espanholas, mas também na política, na economia, bem como nos meios social e cultural. A morte do general Francisco Franco, no dia 20 de novembro deste mesmo ano, e, conseqüentemente, o final da ditadura e o início da democracia fizeram com que a Espanha olhasse ao seu redor e a si mesma como nunca havia feito antes, com isso, as mudanças que vinham acontecendo desde os anos 60 – nos âmbitos já citados acima – se intensificam cada vez mais. Esse momento foi imprescindível para a consolidação da democracia neste país.

No entanto, é importante sinalar que a democracia espanhola apresentava características bastante paradoxais. Se por um lado havia a necessidade de romper com o regime ditatorial franquista e esquecer tudo o que havia ficado pra trás, por outro lado também era necessário que esse passado não fosse rechaçado. Portanto, neste período que caracteriza a transição espanhola e a consolidação da democracia se estabeleceu um contínuo movimento de ir y vir, de ir ao encontro do futuro e ao mesmo tempo voltar ao passado. Em outras palavras, um conflito entre a tradição e a renovação.

Esse movimento de ruptura e continuidade - para usar as palavras de Mari Paz Balibrea – vai caracterizar o que ficou conhecido como "*olvido histórico*", ou seja, a memória da época da ditadura de Franco, que ficou reprimida e silenciada durante tantos anos, é agora recuperada. (cfr. BALIBREA, 2002, p. 111) Aqui se faz necessário mencionar, ainda que brevemente, a Andréas Huyssen y seu livro *Seduzidos pela Memória*. Huyssen discorre sobre a idéia da "síndrome da memória". Isto é, ao mesmo tempo em que a memória pode trazer más recordações – pois o fato de contar implica em, inevitavelmente, resgatar a história e com ela a experiência vivida - ela também é importante porque é necessário preencher o vazio deixado pela história oficial. Neste sentido é importante perceber que a memória é necessária não somente por questões morais e éticas, mas também porque tem um compromisso com a história. (cfr. HUYSEN, 2000)

É este momento, em que a cultura se conecta com a história, que propicia o surgimento do romance negro, como se verá mais adiante, na Espanha. Com relação à cultura, é importante destacar que é por causa dela que se percebe um antes e um depois de novembro de 1975 na Espanha. O final da ditadura franquista ocasiona mudanças profundas e imediatas em

distintos setores da sociedade espanhola, mas estas serão percebidas mais especificamente no âmbito cultural. Tais mudanças culturais estão diretamente relacionadas à modernização espanhola nos campos social e econômico, o que vai favorecer o aparecimento de um novo público leitor. Neste sentido, o desenvolvimento da indústria editorial será importante porque vai privilegiar o romance policial - que como todo gênero de massas, obterá muito sucesso – e com ele o aparecimento do romance negro. (cfr. BALIBREA, 2002, p. 112)

Os motivos acima sinalados demonstram porque a publicação de *La Verdad sobre el Caso Savolta* foi tão significativa, já que este é considerado o livro que funda o *boom* do romance negro, policial, na Espanha. (cfr. BALIBREA, 2002, p. 114) São muitos os aspectos que se podem continuar destacando aqui acerca do momento da transição espanhola como fenômeno cultural - o período conhecido como transição espanhola se caracteriza pela etapa cultural que se inicia na Espanha no período posterior ao término da ditadura franquista e início da democracia neste país, mais especificamente a partir de 1986. Esta etapa se destaca pelo impulso consumista e pelo afã em participar da sociedade do espetáculo que toma conta da população. (cfr. URIOSTE, 2009, pág. 19) - no entanto o enfoque a partir de agora se dará especialmente sobre o primeiro romance de Eduardo Mendoza.

A aparição de *La Verdad sobre el Caso Savolta* na cena espanhola merece destaque não somente porque inaugura a série de romances do gênero negro que se iniciariam na Espanha – não está de mais recordar que este gênero é bem recebido pelos espanhóis porque, como todo gênero popular e, conseqüentemente de massas, agrada a todo tipo de leitores – mas também porque Mendoza deu uma nova roupagem aos romances policiais. Seja pelas inovações na estrutura narrativa, seja pela ousadia na linguagem, seja pelo modo de tratar a história do seu país, pela maneira como se move o tempo ou pela mobilidade dos narradores o autor conseguiu fazer uma (re)leitura deste tipo de romances na Espanha.

O romance fala sobre a investigação policial acerca do assassinato do industrial catalão Enric Savolta, traficante de armas durante a primeira Guerra Mundial e dono da poderosa Empresa Savolta. Através das recordações de Javier Miranda - espectador e protagonista desta narrativa que se passa na Barcelona dos anos 1917 à 1919 – o leitor vai conhecendo alguns dados da história da empresa Savolta, desde a sua prosperidade até a sua queda. A atuação do francês Paul-André Leprince – o aventureiro misterioso e enigmático que passa a presidir a empresa industrial Savolta – os ferinos artigos do jornalista Pajarito de Soto, as revelações visionárias de Nemesio Cabra Gómez, as intrigantes investigações do comissário Vázquez e a presença da sensual bailarina cigana Maria Coral vão tecendo essa história cheia de mistérios. Ainda que neste período a cidade de Barcelona tenha sido o mais importante e promissor polo industrial da Espanha, o livro de Mendoza reflete o clima de descontentamento da classe trabalhadora através de movimentos anarquistas, sindicalistas e socialistas. Apesar de a trama policial ser o que move *La Verdad*, fica claro que o tema central está relacionado a uma análise minuciosa da realidade política, social e econômica da Barcelona do começo dos anos 20, onde uma burguesia reacionária junto a outra liberal, convivem em um mesmo espaço com um engajado movimento anárquico de luta de classes.



La gitana

Entre a galeria de personagens que compõem o romance a figura de Javier Miranda se sobressai. Miranda é uma espécie de fio condutor da narrativa, já que é através de suas declarações perante o juiz, e também por meio de suas recordações - pois Miranda também é um dos narradores - que a história vai se aclarando ante os olhos do leitor. Como muitos imigrantes faziam na época, Javier Miranda é um jovem que sai de Valladolid, sua cidade natal, em direção à Barcelona com o intuito de ascender socialmente. Mesmo fazendo parte de uma classe social baixa ele convive com pessoas pertencentes as mais altas camadas sociais, como, por exemplo, Paul-André Leppince, que se converte em seu modelo de ascensão social. A personagem de Miranda apresenta características como a nobreza, a bondade, o aguçado sentido de justiça e, ao mesmo tempo, é também um homem muito fraco e vulnerável, o que o faz uma pessoa bastante contraditória. Além disso, Miranda também possui rasgos picarescos, uma vez que sua origem humilde associada ao desejo de ascender socialmente, à princípio a qualquer preço, é algo característico da sua personalidade. Não obstante há uma característica de Miranda que chama bastante atenção: sua semelhança com a figura do detetive dos romances policiais. Tal característica será analisada brevemente no presente artigo.

Nos romances negros – nascidos nos Estados Unidos depois da segunda guerra mundial - o detetive se baseia na experiência, ou seja, vai de encontro à investigação criminal e se deixa levar pelos acontecimentos. Ao contrário dos detetives dos romances de enigma – nascidos na Inglaterra tem seu auge entre a primeira e a segunda guerra mundial - que privilegiavam a onipotência do pensamento e o raciocínio lógico para conseguir desvendar os crimes. (cfr. TODOROV, 1979, pp. 96; 99) Ainda que Miranda não é definido exatamente como detetive em *La Verdad*, ele possui algumas características que remetem aos investigadores do romance negro. Uma delas é a maneira como vai se envolvendo no caso Savolta e, conseqüentemente, como vai se comprometendo ao ponto de fazer uma investigação por conta própria, seguindo sua intuição e descobrindo os dados através da sua própria ação. Pode-se ver este perfil

detetivesco de Miranda no fragmento abaixo, quando sai em busca de Maria Coral sem um objetivo muito claro, cheio de dúvidas e questionamentos e, além disso, botando em risco a sua vida:

(...) Tres ideas se barajaban en mi mente mientras iba en busca de la gitana: la primera, naturalmente, era si encontraría a María Coral en su domicilio; la segunda, qué le diría y como justificaría mi interés por verla, y la tercera, quién sería el individuo que poco antes se había interesado en conocer el paradero de la acróbata. (...) Por mi cabeza cruzaron dos posibilidades: que la habitación estuviese vacía o que María Coral estuviese con alguien (el individuo que me había precedido en el cabaret, con seguridad) (...) En cualquiera de los casos, la lógica elemental aconsejaba una discreta retirada, **pero yo no actuaba con lógica.** (MENDOZA, 1993, pp. 173; 174 – o grifo é meu)

Além disso, há outras similaridades que acercam as figuras do detetive dos romances negros a Javier Miranda. Nestes romances geralmente o detetive costuma ser a personagem principal – assim como Miranda em *La Verdad* é um dos protagonistas mais representativos -, é caracterizado como um homem solitário, desencantado da vida e com uma posição econômica pouco favorável. Interessante observar como Javier Miranda também possui estes atributos, adotando assim uma postura similar a dos detetives dos romances negros:

Pero yo no podía pagar el precio de la dignidad. Cuando se vive en una ciudad desbordada y hostil; **cuando no se tienen amigos ni medios para obtenerlos; cuando se es pobre y se vive atemorizado e inseguro**, harto de hablar con la propia sombra (...) cuando se desea que transcurra de una vez el domingo y vuelvan las jornadas de trabajo y las caras conocidas (...) (MENDOZA, 1993, p. 83 – o grifo é meu)



Outro ponto a ser considerado é o aspecto capitalista associado à figura do detetive em *La Verdad*. De acordo com Ricardo Piglia nos romances de enigma o detetive não tem aspirações econômicas e trabalha de maneira desinteressada, isto é, trabalha pelo simples fato de desvendar o crime e assim cumprir com seu papel de defensor da lei e da justiça. Ao contrário, nos romances negros o detetive faz a investigação com o intuito de receber um pagamento e, em geral, o crime cometido tem uma relação direta com o dinheiro. (cfr. PIGLIA, 1976) Portanto fica claro o lugar de destaque que tem o dinheiro nos romances negros. Aqui se configura outra semelhança de Miranda com os detetives do romance negro, apesar da personagem não trabalhar oficialmente como investigador e não receber dinheiro para tal. Com a finalidade de alcançar seus objetivos Lepprince faz de Miranda sua marionete e o manipula de acordo com os seus interesses. Desta maneira Miranda se envolve cada vez mais no caso Savolta e ao invés de receber um pagamento por “fazer a investigação”, ele recebe como recompensa a companhia de Lepprince – com sua maneira aristocrática e refinada, Lepprince oferecia momentos de luxo a Miranda, que passa a desfrutar de sua constante companhia em passeios em *limousine*, jantares pomposos na casa da Rambla de Cataluña entre outros – e também os presentes e vantagens que este lhe proporciona. Isso dá a Miranda a sensação de ascender socialmente e de se sentir confortável e seguro na presença de Lepprince. Pode-se dizer então que enquanto nos romances negros o detetive investiga o crime com a finalidade de ganhar dinheiro, em *La Verdad* Miranda se envolve e “investiga” o caso Savolta em troca de desfrutar de certas vantagens e, aos poucos, conseguir um posto mais privilegiado na escala social barcelonesa:

Además, con él me sentía protegido: por su inteligencia, por su experiencia, por su dinero y por su situación privilegiada. Con Lepprince la conversación era pausada e intimista, un intercambio sedante y no una pugna constructiva. Lepprince escuchaba y entendía y yo apreciaba esa cualidad por encima de todo. (MENDOZA, 1993, p. 83)

Con este sistema, Lepprince nos ponía a flote sin que hacerlo supusiera una obra de caridad: yo ganaría mi sustento y el de María Coral. El favor provenía de Lepprince (...) Las ventajas que de este arreglo sacaba María Coral son demasiado evidentes para detallarlas. (...) Es seguro que, sin la intervención de Lepprince, yo nunca habría decidido dar un paso semejante (...) (MENDOZA, 1993, pp. 232; 233)

A presença do amor é outra questão interessante a ser analisada em *La Verdad*. Segundo Todorov o amor não tem lugar nos romances policiais e quando ele aparece assume suas formas mais negativas, como com os ciúmes doentios ou a paixão desenfreada. (cfr. TODOROV, 1979, p. 101) No entanto, deve-se recordar que esta narrativa de Mendoza não segue exatamente o modelo tradicional dos romances policiais, uma vez que apresenta inúmeras características, já mencionadas acima, que transgridem com o que

consensualmente se convencionou chamar de romance policial. Se se leva em conta que Javier Miranda “encarna” o papel do detetive e se apaixonou por María Coral – importante ressaltar que depois de muitos percalços os dois têm um final feliz – a presença do amor se converte em um aspecto bastante significativo nesta narrativa e, por outro lado, lhe dá também um caráter híbrido ao abordar este tema de uma maneira tão distinta a que normalmente se tratava em outros romances do gênero policial.

A presença da bela María Coral, essa jovem cigana sensual, misteriosa e enigmática, chama a atenção de Javier Miranda desde a primeira vez que a vê se apresentando no cabaret:

Recuerdo vivamente la profunda impresión que me produjo María Coral la primera vez que la vi. Tenía el cabello negro y espeso que caía en serenas ondas sobre sus espaldas, los ojos negros también y muy grandes, la boca pequeña de gruesos labios, la nariz recta, la cara redonda. (MENDOZA, 1993, pp. 40; 41)

Depois da euforia do casamento com María Coral, arquitetada com minuciosidade por Leppince, Javier Miranda se decepciona com a sordidez da gitana:

María Coral chocaba contra los muebles y su andar inseguro (...) me advirtieron que había bebido en exceso. No obstante, con la debil esperanza de recuperar los fragmentos de la felicidad perdida, me levanté y fui a su cuarto. (...) La llamé con dulzura.

- María Coral, ¿estás ahí? Soy yo, Javier.

- No intentes pasar, querido – me contestó su voz zumbona, entrecortada por la risa -, no estoy sola. (MENDOZA, 1993, p. 300)

Mas por fim, depois de passar por muitas aventuras como, por exemplo, a arriscada busca por Maria Coral y Max por várias cidades próximas à Barcelona, Javier Miranda e a cigana finalmente se reconciliam. Depois de muitos contratempos, emigram aos Estados Unidos e conseguem levar uma vida relativamente feliz, apesar das dificuldades que encontram neste país:

No llegamos a Hollywood. Nos quedamos en Nueva York, donde las cosas no fueron como María Coral había pensado. Luchando contra la pobreza, el idioma y la posibilidad de ver negada la prorroga de nuestro permiso de residencia y trabajo, trascurrieron varios años. (...) Nos vamos haciendo viejos, pero nuestro amor se ha transformado en un afecto y una compenetración que ilumina y justifica nuestras vidas. (MENDOZA, 1993, pp. 350; 351)

Percebe-se que, mesmo com todas as dificuldades sofridas, Javier Miranda consegue ser feliz em sua vida amorosa. O amor se apresenta de diferentes maneiras, inclusive em suas formas mais sórdidas, não obstante, ao final o picaresco Javier Miranda é presenteado com o sincero amor da cigana María Coral.

O êxito no amor, a relação com o dinheiro e a postura perante o caso Savolta são alguns dos pontos que merecem relevância na personagem de Javier Miranda. Ao personificar a figura do detetive Miranda assume o papel de uma personagem híbrida, uma vez que apresenta inúmeros atributos do investigador dos romances negros sem sê-lo de fato. Portanto, a construção desta personagem em *La Verdad* – e de uma maneira geral grande parte da estrutura do romance – não se baseia de maneira exclusiva no que as convenções literárias disseram a respeito da figura do detetive e, obviamente, dos romances policiais. Tal fato reflete a maneira como este gênero literário foi recebido na Espanha, isto é, ao chegar neste país os romances policiais se “espanholizam” e passam a tratar de questões que tinham relação direta com a realidade espanhola naquele momento.



Os anos de silenciamento que a ditadura de Francisco Franco impôs se transformaram em matéria prima para a composição dos romances negros. Interessante observar que justamente neste momento em que a sociedade espanhola buscava formas de lidar com a nova situação ocasionada pelo início da democracia, surge o romance policial que tem em sua origem uma questão filosófica, isto é “(...) a busca da verdade, a reflexão sobre as formas de atingi-la (...)” (FIGUEIREDO, 2003, p.87) Em outras palavras, o que Eduardo Mendoza, e também outros escritores da sua geração buscavam era uma maneira de desmascarar tudo o que tinha ficado oculto no período franquista e com isso resgatar a memória e a história do país. Por isso importava saber o porquê da realização dos crimes e não somente de que maneira estes haviam

sido realizados. Tais acontecimentos explicam a causa pela qual o realismo e a crítica social sejam tão presentes em *La Verdad sobre el Caso Savolta*.

OBRAS CITADAS

BALIBREA, Mari Paz. La novela negra en la transición española como fenómeno cultural: una interpretación. In: *Iberoamericana*, Madrid, n. II 7, p. 111-118, 2002.

FIGUEIREDO, Vera Lucia F de. *Os crimes do texto, Ruben Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MENDOZA, Eduardo. *La verdad sobre el caso Savolta*. Barcelona: RBA Editores, 1993.

PIGLIA, Ricardo. Sobre el género policial. In: _____. *Crítica y ficción*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1976.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: _____. *As estruturas narrativas*. São Paulo, Perspectiva, 1979.

URIOSTE, Carmen Azcorra de. *Novela y Sociedad en la España Contemporánea (1994 – 2009)*. 1º ed. Madrid: Espiral Hispanoamericana, 2009, pp. 11-40.